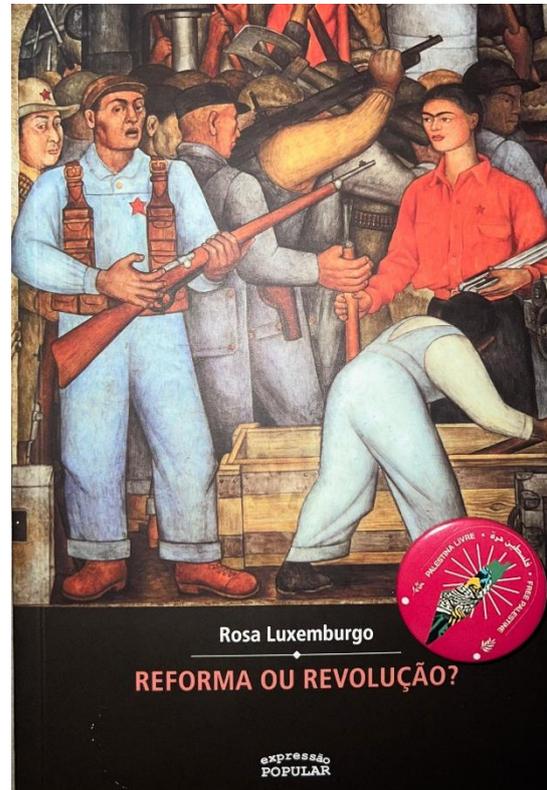


REFORMA OU REVOLUÇÃO? DE ROSA LUXEMBURGO – A ATUALIDADE DE UMA OBRA CENTENÁRIA
REFORM OR REVOLUTION? BY ROSA LUXEMBURGO – THE RELEVANCE OF A CENTURY-OLD WORK
¿REFORMA O REVOLUCIÓN? POR ROSA LUXEMBURGO – LA ACTUALIDAD DE UNA OBRA CENTENARIA

 Kelvin Araújo da Nóbrega Dias¹

1. Bacharel em Relações Internacionais (UEPB). Especialista em Comércio Exterior (UEPB). Mestrando em Relações Internacionais (UEPB). E-mail: kelvinkand@gmail.com

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma Ou Revolução?**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019. 160 p.
https://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1900/ref_rev/index.htm



ABSTRACT: This review aims to analyze Rosa Luxemburg's work 'Reform or Revolution?', highlighting its topicality through connections with events of the present time.

Keywords: Reform; Revolution; Rosa Luxemburg.

RESUMO: Esta resenha objetiva analisar a obra 'Reforma ou Revolução?' de Rosa Luxemburgo, ressaltando sua atualidade por meio de conexões com eventos do tempo presente.

Palavras-chave: Reforma; Revolução; Rosa Luxemburgo.

RESUMEN: Esta reseña tiene como objetivo analizar la obra de Rosa Luxemburg "¿Reforma o revolución?", destacando su actualidad a través de sus conexiones con los acontecimientos de la actualidad.

Palabras-clave: Reforma; Revolución; Rosa Luxemburg.

Recebido em: 07/04/2024

Aprovado em: 26/04/2024



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

A ATUALIDADE DE UMA OBRA CENTENÁRIA

Rosa Luxemburgo foi uma proeminente filósofa marxista e ativista política, ex-militante do Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD), líder de destaque da Liga Espartaquista e fundadora do Partido Comunista da Alemanha. Uma das figuras mais importantes da esquerda radical no início do século XX. Seu legado é marcado pela crítica feroz ao capitalismo, ao imperialismo e à participação dos partidos social-democratas na Primeira Guerra Mundial, sendo uma das principais causas de conflito entre ela e outros líderes social-democratas da época. Em 1919, Rosa Luxemburgo foi brutalmente assassinada na Alemanha, durante os eventos da Revolução Alemã. Os responsáveis pelo seu assassinato eram membros de uma unidade paramilitar de extrema-direita chamada *Freikorps*, que tinha conexões com as forças conservadoras e social-democratas da Alemanha¹.

Em 1898, Rosa Luxemburgo deixou Zurique e mudou-se para Berlim, onde se juntou ao Partido Social-Democrata da Alemanha. Logo após ingressar no partido, suas agitações revolucionárias mais vibrantes e escritos começaram a se formar. Expressando as questões centrais em debate na Social-Democracia Alemã da época, ela escreveu “Reforma ou Revolução” em 1900, contra o revisionismo da teoria marxista de Eduard Bernstein. Luxemburgo explicou que a teoria de Bernstein sugeria renunciar à transformação social, que é o objetivo final da Social-Democracia, e, ao invés disso, considerar as reformas sociais como o meio da luta de classes, tornando-as nosso objetivo. Bernstein expressou esse ponto de vista de maneira clara e característica ao enfatizar que o movimento era o que realmente importava, imputando irrelevância ao objetivo final. Enquanto Luxemburgo apoiava a atividade reformista (como meio de luta de classes), pensando em uma revolução completa como fim. A revolucionária enfatizou que reformas intermináveis continuariam a favorecer a burguesia dominante, muito além do tempo em que uma revolução

¹ Waldemar Pabst, um fervoroso oficial nacionalista paramilitar que mais tarde se aliou ao nazismo, e Gustav Noske, um político do SPD, foram igualmente responsáveis por instaurar o terror na política interna alemã em março de 1919, internalizando assim a política de guerra do Império Alemão. Pabst foi o arquiteto do massacre, uma política de aniquilação direcionada às camadas mais desfavorecidas da sociedade, e ele conseguiu esse intento encontrando em Noske um aliado cujas convicções e sentimentos coincidiam com os dele. Noske, por sua vez, contou com o apoio dos líderes do SPD, especialmente Friedrich Ebert, Wolfgang Heine e Gustav Bauer, por trás dos quais estavam outros burocratas social-democratas ansiosos para agir. Quando Noske proferiu no parlamento o ditado militar prussiano de que “a necessidade não conhece lei”, destacando a natureza ilegal de sua operação e enfatizando que “os artigos não valem nada, o que importa é o sucesso”, os registros da sessão mostraram aplausos vigorosos tanto dos social-democratas quanto da direita. A aprovação direta de seu assassinato por Noske — e, indiretamente, por Ebert — ficou evidente na recusa do tribunal militar, instalado pelo SPD, em buscar a justiça. Noske facilitou a ação de Pabst em duas ocasiões: primeiro, ao permitir conscientemente (mesmo sem uma ordem direta) e depois, ao permitir que os culpados permanecessem em liberdade após o ocorrido. A influência de Pabst como o principal oficial da *Freikorps* deve ser salientada. Foi ele quem persuadiu o SPD sobre a importância de lançar um golpe contra a revolução, através de um tipo de terrorismo político que o Kaiser Wilhelm II sempre ameaçara, mas apenas a oligarquia do SPD permitiu que ocorresse. Através de sua considerável influência oculta — nas palavras de Noske, sua “influência militar considerável” —, Waldemar Pabst foi fundamental na ascensão do fascismo alemão e na história da Europa no século XX (Gietinger, 2019; Gietinger; Ameni, 2020). Destarte, a social-democracia alemã também foi responsável indiretamente pelo assassinato de Rosa.

proletária poderia ter começado a construir uma sociedade socialista. Luxemburgo, juntamente com Karl Kautsky², ajudou a impedir esse revisionismo da teoria marxista no movimento socialista alemão.

A Ocupação do Edifício Nações Unidas, localizado no centro de João Pessoa, liderada pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB)³, é um exemplo vivo de como reforma e revolução se relacionam no pensamento de Luxemburgo. Ao ocupar um prédio público abandonado há mais de cinco anos, as famílias do movimento reivindicam moradia digna, denunciando os problemas estruturais do capitalismo, como a gentrificação e a especulação imobiliária. A ação é uma reivindicação por justiça social e uma manifestação prática de que as reformas sociais são parte intrínseca da luta revolucionária. A Ocupação foi nomeada em homenagem ao líder das Ligas Camponesas, João Pedro Teixeira, assassinado em 2 de abril de 1962 em Sapé, Paraíba, ressaltando a continuidade da luta pelos direitos dos mais marginalizados. A atuação do MLB e da Ocupação João Pedro Teixeira é emblemática ao propor soluções concretas, construindo um movimento de base que visa transformar a realidade das pessoas através da ação coletiva e da resistência popular. Em 27 de fevereiro de 2024, a Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) aprovou a Medida Provisória 42/2024, que concede autorização ao poder executivo para a doação do Edifício Nações Unidas, localizado na interseção da Praça Vidal de Negreiros com a Avenida Padre Meira, ao Fundo de Arrendamento Residencial (FAR) para a construção de unidades habitacionais pelo programa Minha Casa, Minha Vida⁴.

Dentre os ricos debates possíveis a partir da obra de Luxemburgo (2019), por ora, gostaria de me ater ao capítulo ‘A Política Alfandegária e o Militarismo’. Nesta parte, pontua-se que o Estado contemporâneo é essencialmente uma ferramenta da classe capitalista dominante. Embora possa desempenhar funções que aparentemente beneficiem o interesse geral e o desenvolvimento social, essas ações são direcionadas principalmente para os interesses da classe dominante. A autora observa que, inicialmente, medidas como a legislação de proteção da economia, como barreiras alfandegárias, podem parecer servir tanto aos interesses imediatos da classe capitalista quanto aos interesses da sociedade em

² Para críticas a Kautsky e/ou ficar a par do debate, ver Lenin (2017; 2021) e Rodney (2018).

³ O Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) é uma organização de abrangência nacional dedicada à defesa dos direitos urbanos e à promoção do direito humano fundamental de habitação digna. Composto por inúmeras famílias desabrigadas em todo o território brasileiro, o MLB enfrenta os desafios impostos pela especulação fundiária e imobiliária, que têm resultado na marginalização e na privação de moradia para milhares de pessoas. Incansavelmente, o movimento trava uma batalha incisiva pela reforma urbana para defender o direito humano de morar dignamente. Ver: <https://www.mlbbrazil.org/quem-somos>.

⁴ Ver: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/prefeitura-dialoga-com-movimento-mlb-para-resolver-ocupacao-do-predio-nacoes-unidas/>.

<https://www.brasildefato.com.br/2024/02/27/camara-de-joao-pessoa-autoriza-doacao-de-predio-ocupado-desde-2022-para-minha-casa-minha-vida>.

https://www.auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/edificio-nacoes-unidas-familias-ocupam-predio-na-capital.

<https://joaopessoa.pb.leg.br/cmjp-aprova-doacao-do-edificio-das-nacoes-unidas/>.

geral. No entanto, Luxemburgo sustenta que essa harmonia entre os interesses de classe e o progresso econômico eventualmente desmorona à medida que o capitalismo se desenvolve. Para Luxemburgo, a política alfandegária e o militarismo representam pontos críticos onde os interesses de classe da burguesia e o progresso econômico começam a se separar dentro do sistema capitalista, marcando uma fissura na estrutura do poder e um prenúncio de conflitos e contradições internas do sistema. Este raciocínio coaduna o argumento de Lenin (2021) sobre o imperialismo ser um estágio superior do capitalismo. Para Lenin, o imperialismo é resultado do capitalismo monopolista. Esta fase é marcada por uma intensificação da competição entre as grandes potências capitalistas pela dominação nos mais diversos âmbitos. Neste sentido, o imperialismo está inerentemente ligado ao capitalismo e resulta em uma concentração de riqueza e poder nas mãos de um pequeno número de corporações e bancos. Desta forma, o imperialismo inevitavelmente leva a conflitos, guerras, massacres e genocídios.

(...) Se considerarmos a história, não como poderia ou deveria ter sido, mas tal como realmente foi, constataremos que a guerra constitui fator indispensável ao desenvolvimento capitalista. Os Estados Unidos da América do Norte, a Alemanha, a Itália e os Bálcãs, a Rússia e a Polônia, todos esses países devem às guerras as condições ou o surto de seu desenvolvimento capitalista, qualquer que fosse o resultado delas, vitória ou derrota. Enquanto houve países cujas condições eram a divisão interior ou o isolamento econômico as quais precisavam ser destruídas, desempenhou o militarismo um papel revolucionário do ponto de vista capitalista. Mas a situação atual é outra. Se é a política mundial o teatro de conflitos ameaçadores, não é tanto por se abrirem novos países ao capitalismo, mas sim por se terem já os antagonismos *européus* existentes transportado para outros continentes para ali explodir. O que hoje se antepõe de armas em punho, quer seja na Europa ou em outros continentes, não são de um lado países capitalistas e de outro países de economia natural, e sim Estados levados ao conflito precisamente pela identidade de seu alto desenvolvimento capitalista. Em tais condições, se o conflito estoura, só pode ser fatal para este desenvolvimento, no sentido de que provocará em todos os países capitalistas profundíssimos abalos e transformações da vida econômica. Mas o caso se apresenta inteiramente diverso do ponto de vista da *classe capitalista*. Para ela, sob três aspectos, tornou-se hoje o militarismo indispensável; primeiro, como meio de luta na defesa dos interesses “nacionais” concorrentes contra outros grupos “nacionais”; segundo, como a forma de emprego mais importante, tanto do capital financeiro como do capital industrial; e terceiro, como instrumento da dominação de classe sobre os trabalhadores, no interior - interesses esses que nada têm de comum, em si, com o desenvolvimento do modo de produção capitalista. E mais uma vez, o que melhor demonstra o caráter específico do militarismo atual é, em primeiro lugar, o seu desenvolvimento geral em todos os países, efeito por assim dizer de uma força motriz própria, interna, mecânica, fenômeno completamente desconhecido há algumas décadas e, em seguida, o caráter inevitável, fatal, da próxima explosão entre os Estados interessados, malgrado a completa indecisão quanto ao motivo, ao objeto do conflito e a todas as demais circunstâncias. Também o militarismo, de motor que era do desenvolvimento capitalista, tornou-se hoje uma doença capitalista (LUXEMBURGO, 2019, p. 56-57).

Considerando o exposto sobre as dinâmicas do capitalismo tardio, é imprescindível abordar a situação da Palestina e “dar nome aos bois”, onde as consequências desse sistema estão visíveis de forma contundente. Davis (2017; 2018a; 2018b; 2019; 2022) ressalta o papel do complexo industrial-prisional, um desdobramento do complexo industrial-militar, onde corporações firmam contratos de defesa diretamente com o governo federal dos Estados Unidos. Muitas dessas transações estão sob escrutínio criminal e têm impactos prejudiciais sobre as comunidades empobrecidas, deslocadas e racialmente

discriminadas. Esta esquematização está intrinsecamente ligada à G4S, uma empresa multinacional de segurança privada com sede no Reino Unido, que desempenha um papel central na manutenção e perpetuação do aparato repressivo e do regime de apartheid na Palestina. A participação de atores de diversas nacionalidades ocidentais na violência contra a Palestina reforça a tese de que o militarismo e o imperialismo são características do sistema capitalista internacional, não limitados a um único Estado.

Conforme observado pelo antropólogo Halper (2021), a presença de Israel se manifesta em diversas nações por meio de atividades como treinamento militar, exportação de armamentos, estabelecimento de unidades operacionais e a gestão de prisões. Neste contexto, a presença de Israel na capacitação de forças de segurança e na comercialização de armamentos pode ser entendida como integrante de uma estratégia mais abrangente que transcende questões territoriais. O paradigma militar israelense, caracterizado pelo apartheid e colonialismo, está intrinsecamente ligado à lógica da economia capitalista sendo disseminado em diferentes contextos globais, incluindo o Rio de Janeiro e outras localidades, onde a implementação de patrulhamento policial em favelas segue padrões de conhecimento técnico e equipamentos israelenses (METZ, 1993; MARTINS, 2017; HALPER, 2015; 2021; ROSENDO; OLIVEIRA, 2022).

Portanto, a relevância e atualidade da obra de Luxemburgo reside no entendimento de que as conquistas democráticas não são simples concessões resultantes do progresso democrático no contexto capitalista, mas são frutos de uma luta contínua e árdua da classe trabalhadora organizada. Apenas o povo em coletivo e por meio da práxis revolucionária pode proteger cada uma dessas conquistas contra as investidas reacionárias que a burguesia pode empregar para salvaguardar seus próprios interesses. Rosa Luxemburgo foi visionária ao discutir esse tema já em 1900, visto que o militarismo como uma tendência inerente ao sistema capitalista e como um instrumento de dominação da burguesia é notável nos eventos contemporâneos. Sua análise permanece relevante, especialmente ao considerarmos a opressão colonial que o Estado israelense impõe aos palestinos, a qual se estende globalmente. Além disso, podemos observar manifestações semelhantes dessa dinâmica no desdobramento da presença estatal, por meio da atuação policial, em áreas marginalizadas e periféricas do Sul Global. O livro “Reforma ou Revolução?” ressalta a importância de reconhecer que são os movimentos revolucionários que frequentemente impulsionam as lutas por reformas substanciais. Desta forma, a conexão entre reforma e revolução configura uma relação dialética, uma vez que a abordagem de Luxemburgo não descarta a importância das lutas por reformas, mas enfatiza a interdependência e a dinâmica entre esses dois aspectos do processo político e social. Enquanto isso, as correntes majoritárias presentes na esquerda hegemônica tendem a se tornar cada vez mais permeadas pelo neoliberalismo. Como indicado por Wallerstein (1996), a trajetória do capitalismo tende a deslocar a política para a direita, de forma que as figuras da esquerda institucional acabam adotando posturas mais alinhadas com o liberalismo econômico, na tentativa de influenciar conservadores e

socialistas a se aproximarem dessa ideologia. Essa configuração, por sua vez, constitui um dos pilares da geocultura do sistema-mundo.

Referências

DAVIS, A. **A democracia da abolição: para além do império, das prisões e da tortura**. Editora Bertrand Brasil, 2019.

_____. **A liberdade é uma luta constante**. Boitempo Editorial, 2018a.

_____. **Estarão as prisões obsoletas?**. Editora Bertrand Brasil, 2018b.

_____. **Mulheres, cultura e política**. Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O Sentido da Liberdade: e outros diálogos difíceis**. Boitempo Editorial, 2022.

GIETINGER, K.; AMENI, C. **O homem que matou Rosa Luxemburgo**. 2020. Tradução Cauê Seigner Ameni. Revista Jacobina. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/01/o-homem-que-matou-rosa-luxemburgo/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

GIETINGER, K. **The Murder of Rosa Luxemburg**. Verso Books, 2019.

HALPER, J. **War Against the People: Israel, the Palestinians and Global Pacification**. London: Pluto, 2015.

_____. **Decolonizing Israel, Liberating Palestine**. London: Pluto Press, 2021.

LENIN, Vladimir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. Boitempo Editorial, 2021.

_____. **O Estado e a Revolução**. Boitempo Editorial, 2017.

LUXEMBURGO, R. **Reforma Ou Revolução?**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019. 160 p.

MARTINS, G. Da Palestina à Maré: a luta pelo direito à vida. **Militarização do cotidiano: um legado olímpico**. IPACS, Rio de Janeiro, 2017.

METZ, A. Israeli Military Assistance to Latin America. **Latin American Research Review**, v. 28, n. 2, p. 257-285, 1993.

RODNEY, W. On Democracy: Lenin, Kautsky and Luxemburg. In: **The Russian Revolution: A View from the Third World**. Verso Books, 2018.

ROSENDO, D; OLIVEIRA, F. A. G. Viver no território ocupado: Entrevista com Baha Hilo e Sandra Guimarães. **DIVERSITATES: International Journal**, v. 13, n. 4, 2022.

WALLERSTEIN, I. The Inter-State Structure of the Modern World-System. In: **International Theory: Positivism and Beyond**. 1996, p. 87-107.